A (RE)CONSTRUÇÃO DA HONRA E DO CARÁTER MODERNO EM ADDISON E SHAFTEBURY*

THE (RE)CONSTRUCTION OF HONOR AND MODERN CHARACTER IN ADDISON AND SHAFTEBURY

Mariana Dias Pinheiro Santos**

RESUMO

Trata-se ilustrar a maneira pela qual Addison e Shaftesbury reconfiguram as noções de honra e coragem por meio da centralidade que fornecem ao autocontrole e à fraternidade social. Estas, participando da formação do caráter como fundamentais para a manutenção das virtudes, colaborariam com o afloramento da natureza que ambos autores designavam como próprias aos cavalheiros: a sociabilidade. Sendo assim, caberá apresentar de que maneira Addison e Shaftesbury: 1 - desassocia a coragem bélica do ponto de honra cavalheiresco para 2 - reconduzi-la à noção de autocontrole das afecções. Esses movimentos, em última instância, direcionam a honra masculina para a sociabilidade, que seria o verdadeiro meio no qual, para os dois filósofos, os homens podem encontrar a alegria. Ao longo das duas partes, além disso, espero deixar evidente como a noção de homem como animal social é fundamental para a repaginação, proposta por Addison e Shaftesbury, da honra que comporá o caráter polido proposto por ambos os autores.

PALAVRAS-CHAVE: honra; polidez; sociabilidade; Addison; Shaftesbury.

ABSTRACT

It is about illustrating the way in which Addison and Shaftesbury reconfigure the notions of honor and courage through the centrality they give to self-control and social fraternity. These, being fundamental in character formation for the maintenance of virtues, would contribute to the emergence of the nature that both authors designated as proper to gentlemen: sociability. Therefore, it will be necessary to show how Addison and Shaftesbury: 1 - dissociate martial courage from the gentlemanly point of honor, and 2 - bring it back to the notion of self-control of affections. These moves ultimately direct male honor towards sociability, which would be the true means in which, for both philosophers, men can find joy. Throughout the two parts, I hope to make it clear how the notion of man as a social animal is fundamental to the rethinking of honor proposed by Addison and Shaftesbury, which will make up the polite character proposed by both authors.

KEY-WORDS: honor; politeness; sociability; Addison; Shaftesbury.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 07/04/2025.

** Doutoranda em Filosofia pela UFPR, bolsista CAPES. Mestre pela UFS. E-mail: marianadps4ntos@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Addison e Shaftesbury compartilharam o desejo de renovar a filosofia que certamente marcou o século XVIII. Ambos buscaram remapear o discurso, a aprendizagem, a compreensão da cultura (Axelsson, 2019) e, a despeito de suas diferenças sobre o modo como tais mudanças deveriam ser feitas, não poderiam deixar de concordar que a base dessa renovação deveria estar posicionada na compreensão de que o homem é um animal sobretudo social. Em oposição ao problema (atribuído a Hobbes) de que o egoísmo fundamentaria todas as relações interpessoais, e com o intuito de negar qualquer “moral do amor-próprio”, Addison e Shaftesbury dão especial atenção à sociabilidade como um ponto nevrálgico para a construção do caráter polido.

Ambos os autores, com a possível influência de Cícero, buscaram retirar a filosofia de bibliotecas e universidades para direcioná-la à conversação como um meio de cultivar a virtude (Packham, 2013). Como lembra Addison, seu objetivo consistia em não poupar “esforços para tornar sua instrução agradável e sua diversão útil”, bem como “animar a moralidade com a inteligência e temperar a inteligência com a moralidade” (2004, nº 10¹, tradução nossa), levando, assim, a filosofia para clubes, cafés, mesas de chá, em suma, para a companhia e a conversação. Shaftesbury também visava esse objetivo, afinal, como afirma o filósofo em seu *Sensus Communis*, “Nós polimos uns aos outros e removemos nossos cantos e lados ásperos por meio de uma espécie de colisão amigável” (2000, p. 31, tradução nossa).

Essa preocupação com a relação inseparável entre filosofia e sociabilidade, além de remeter a Cícero, passa, também, pelo desejo de construir um caráter para a modernidade (Nascimento, 2012; Packham, 2013; Axelsson, 2019). É um dos pontos constitutivos para essa construção, e que será o que esta pesquisa pretende se debruçar, passava pela constituição ponto de honra e pela reinterpretação do significado da coragem e da honra.

Como é sabido, a modernidade herdou da renascença italiana os manuais de cortesia (Peltonen, 2003), que, apesar de conterem uma profunda defesa da graça e do agrado nas relações sociais, abria margem para a conduta embrutecida através dos duelos, que eram justificados através do ponto de honra dos homens cavaleiros e cortesãos (Santos, 2023b). É em Castiglione que encontramos pela primeira vez a formulação que influenciará a masculinidade cavalheiresca, ao menos até a modernidade, de que: o ponto de honra dos homens é a coragem e que, uma vez perdido, é irrecuperável. Fugir à batalha, para esse autor, é perder

¹ Nas referências de Addison, optou-se por inserir o número do ensaio na medida em que a edição utilizada não possui paginação.

definitivamente sua honra, algo com que Cícero, séculos antes, não deixaria de concordar, visto que “nunca, em absoluto, devemos fugir a um perigo, para não parecermos covardes e timoratos” (1999, p. 42).

Essa relação entre coragem, força, bravura e honra, no entanto, parece ser repensada pelos autores do início do século XVIII. É, por exemplo, no paradigmático ensaio nº 99, do *Spectator*, que vemos Addison afirmando que o ponto de honra masculino é não apenas recuperável, mas que depositá-lo em enfrentamentos físicos (como por exemplo em duelos) é removê-lo de sua verdadeira morada: a virtude. Enquanto isso, observamos, na *Inquiry Concerning Virtue, or Merit*, Shaftesbury deixar claro que a coragem não está relacionada à capacidade de aniquilar alguém, mas sim na disposição em salvar, ajudar os outros, bem como em produzir a virtude nos comportamentos e nas ações.

A construção da masculinidade do século XVIII estava se afastando da honra militar, proveniente de títulos e da bravura guerreira, passando a residir, como nota Cohen (2005), no refinamento e na sociabilidade. A identidade cavalheiresca entra em um movimento no qual a “nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas” (Elias, 1993, p. 283), que, segundo penso, pode ser ilustrada a partir da maneira pela qual Addison e Shaftesbury reconfiguram as noções de honra e coragem por meio da centralidade que fornecem ao autocontrole e à fraternidade social. Estas, participando da formação do caráter como fundamentais para a manutenção das virtudes, colaborariam com o afloramento da natureza que ambos autores designavam próprias dos cavalheiros: a sociabilidade.

Exposto isso, caberá, nas próximas páginas, investigar de que maneira Addison e Shaftesbury: 1 - desassocia a coragem bélica do ponto de honra cavalheiresco para 2 - reconduzi-la à noção de autocontrole das afecções. Esses movimentos, em última instância, direcionam a honra masculina para a sociabilidade, que seria o verdadeiro meio no qual, para os dois filósofos, os homens podem encontrar a alegria. Ao longo das duas partes, além disso, espera-se deixar evidente como a noção de homem como animal social é fundamental para a repaginação, proposta por Addison e Shaftesbury, da honra que comporá o caráter polido proposto por ambos os autores.

O PONTO DE HONRA DOS HOMENS É A CORAGEM

É estranho, afirma Shaftesbury, “imaginar que a guerra, que de todas as coisas parece a mais selvagem, seja a paixão dos espíritos mais heroicos”, (2000, p. 52, tradução nossa).

Heroísmo este que, no lugar de estar associado à capacidade de subjugar o inimigo através da força bruta, ou a demonstrações de raiva constantes, na verdade, se evidencia pelo “socorro mútuo [que] é mais concedido”, pois onde há perigos constantes “a afecção comum é mais exercida e empregada” (2000, p. 52). É na situação de guerra, lembra o filósofo, que o companheirismo pode ser estreitado e a verdadeira coragem — que nada tem a ver com a raiva — pode ser reconhecida. E ainda que “O grande ponto de honra nos homens” seja “a coragem”, afirma Addison, se eles pudessem escolher por si mesmos o que constituiria este ponto, certamente “a escolha teria recaído sobre a sabedoria ou a virtude” (2004, nº 99, tradução nossa).

A capacidade de matar ou de morrer corajosamente em nada poderiam se associar com a honra que começava a se formar no início do XVIII. Os duelos, tomados ao longo do XVI e do XVII como um meio cortês de defender a honra (Peltonen, 2003; Santos, 2023b), não podem ser a prova de outra coisa, para Addison, que não da falta de equidade. Concepção de que Shaftesbury não parece se afastar muito, visto que um homem que mata sempre será atormentado pela lembrança do que o filósofo designa como “feito doentio”, e

nunca esse Proteu² de honra poderá ser mantido firme em uma única forma. A busca por isso só pode ser vexatória e perturbadora. Não há nada além da verdadeira virtude, como foi demonstrado, que possa manter qualquer proporção com a estima, a aprovação ou a boa consciência” (Shaftesbury, 2000, p. 210, tradução nossa).

A virilidade natural, tomada como brutal, indelicada, grosseira e rude (Cohen, 2005), passa a ser negada pela construção da masculinidade proposta por Addison e Shaftesbury e o caminho para sobrepor essas noções está justamente naquilo que o autor do *Spectator* designa como o que os cavalheiros gostariam que compusesse seu ponto de honra: a sabedoria e a virtude — tomadas pelo filósofo das *Characteristicks* como verdadeira fonte de honra.

Segundo Wiczorek (2016), as raízes da palavra *honra* remontam à antiguidade sobretudo romana e autores como Cícero — ainda que este não defina com clareza em que consiste — seriam marcantes para as concepções que lhe sucederiam. Em *Dos Deveres*, essa palavra é utilizada como uma espécie de qualificador capaz de engrandecer uma ação ou um comportamento. Desse modo, se é difícil definir o que é ser honrado, ou o que é a honra, por outro lado, pode-se dizer com quais qualidades essa palavra se associa³. A honra, ao longo de

² Deidade grega conhecida por sua capacidade de assumir diferentes formas.

³ Conforme Cícero, não se deve desonrar “a glória da virtude e de seus feitos” (1999, p. 60), e a desonra pode ser encontrada na intemperança dos desejos (1999, p. 60), na fuga à batalha (1999, p. 41), ou na vitória ao adversário

Dos deveres, sempre aparece acompanhada das ideias de virtude, temperança, vitória honesta sobre o adversário, justiça, admiração (Cícero, 1999, p. 96-7), glória, comandos, vitórias, coragem, batalhas, enfrentamentos e zelo pelos interesses da pátria.

As capacidades física e civil, então, parecem andar juntas e se destacar quando se associam à honra, algo que talvez fique mais claro se visitarmos a maneira pela qual o antigo descreve como um dos atributos da glória (a honra) pode ser considerado:

Os homens comumente admiram todas as coisas que julgam grandes e superiores à sua própria expectativa, em particular se notam em alguém certas qualidades inesperadas. Então exaltam e elogiam calorosamente as pessoas nas quais julgam perceber virtudes excelentes e singulares, mas desdenham e desprezam aquelas em que acham não haver nem virtude nem coragem, nem energia (Cícero, 1999, p. 95-6).

A grandeza e a superioridade das virtudes destacadas por Cícero como dignas de honra se mostram bastante íntimas da coragem, que nada mais é do que “a virtude que luta pela equidade” (1999, p. 33) ou, ainda, “tudo aquilo que se faz com ânimo viril e altanado” (1999, p. 48). Por isso, talvez, não seja de se espantar que o filósofo considerasse desonroso fugir à batalha, ou não subjugar um inimigo quando necessário⁴. Aqui, parece existir um sacrifício requisitado pela honra que, ainda que possa ser feito de forma civil, se destaca na morte em batalha.

As concepções de coragem que Addison e Shaftesbury apresentam se distanciam desse sacrifício, na medida em que o primeiro escolhe a honestidade e o segundo, o cuidado para reconfigurar o ideal que compunha o ponto de honra cavalheiresco. Ainda que ambos, tal como Cícero, não deixem de associar a honra à virtude, a concepção antiga não servirá inteiramente para a construção do caráter cavalheiresco moderno.

Se antes a violação do ponto de honra dos homens (a coragem) poderia ser encontrada na covardia diante do combate, vemos Addison destacar que “A grande violação do ponto de honra dos homens é mentir” (2004, nº 99, tradução nossa), de modo que a batalha é tirada de cena em sua discussão sobre honra e coragem, e a conversação e a sociabilidade são centralizadas. Ora, a mentira, para o autor do *Spectator*, é a prova de um vício que afeta diretamente os vínculos entre os cavalheiros, como é o caso da difamação, meio pelo qual “a

através do crime (1999, p. 165). Ao passo que a honra, para o filósofo, pode ser aumentada com a justiça (Cícero, 1999, p. 99), com a satisfação da vontade do povo, com construções para o benefício público, conhecimento do direito civil (1999, p. 107-111), em suma, pelo zelo pelos interesses da pátria (Cícero, 1999, p. 144), estando geralmente acompanhada de palavras como “comandos, vitórias” (1999, p. 87).

⁴ Pois, “quando as circunstâncias o exigem, deve-se arrostar o adversário, antepondo a morte à servidão e à desonra” (Cícero, 1999, p. 41).

honra das famílias é arruinada, os cargos mais altos e os maiores títulos são tornados baratos e vis à vista do povo; as mais nobres virtudes e as partes mais exaltadas, expostas ao desprezo dos cruéis e dos ignorantes” (2004, nº 451, tradução nossa). E ainda que seja verdade que a maior parte dos duelos ocorressem para defender a honra contra uma mentira que atacasse os méritos de um cavalheiro (Peltonen, 2003), não se pode confundir isso com o que era considerado como inverso da coragem desde Cícero: a covardia. Esta sim era considerada como uma quebra do ponto de honra, pois, aqui, o cavalheiro evidenciava sua falta de valentia e bravura ao fugir de um combate. Sendo assim, Addison, ao remover a honra e a coragem dos combates e colocá-la na virtude⁵ polida, considerando a quebra desse ponto como a mentira em si mesma, repensa a identidade cavalheiresca e, ao mesmo tempo, recusa o modelo de honra que lhe antecedeu.

Na medida em que a mentira passava a designar, para Addison, a verdadeira covardia dos cavalheiros, contribuindo para o enfraquecimento dos laços sociais, alternativamente, a verdadeira coragem passava a ser colocada na honestidade. É com a retenção desta qualidade que os cavalheiros poderiam, através da conversação, encontrar a concordância e discordância, ao mesmo tempo em que se “estabelecem numa espécie de fraternidade” (Addison, 2004, nº 9, tradução nossa) na qual se combinam para o próprio aperfeiçoamento. No nono número do *Spectator*, vemos o ensaísta defender não que um homem deveria sofrer qualquer tipo de brutalidade nos casos em que fosse covarde, isto é, mentiroso. Em clubes e cafés, locais em que os cavalheiros eram reunidos para o aperfeiçoamento mútuo, nos quais deveriam assegurar a “preservação da amizade e da boa vizinhança”, longe de precisarem de uma valentia impensada para combater o inimigo mentiroso até a morte, seria suficiente que “Se algum membro contar histórias no clube que não sejam verdadeiras” ele perdesse “meio centavo por cada terceira mentira” (Addison, 2004, nº 9, tradução nossa), ao passo que a agressão deveria ser banida.

Sua recusa à relação entre honra, coragem e belicosidade parece estar diretamente ancorada na sociabilidade, e se a quebra do ponto de honra moderno, para Addison, é o vício da mentira, alternativamente pode-se afirmar que o verdadeiro ponto de honra está localizado na relação entre virtude e honestidade, a partir do que seria possível se “constituir em homens de honra” (2004, nº 99) verdadeiros. Depositar a honra e a coragem em outros lugares que não

⁵ Ainda que Cícero atente para a virtude como uma das fontes de honra, cabe observar que a consideração do que é a virtude é distinta entre o antigo e os filósofos do início da modernidade aqui trabalhados. A sociabilidade e o autocontrole se destacam em Addison e Shaftesbury, diferentemente de Cícero. Entretanto, sendo este um escopo que escapa dos objetivos da presente pesquisa, caberá investigá-lo aprofundadamente em outra ocasião.

estes significa abdicar da virtude, e, conforme Shaftesbury, apenas o costume e a educação podem agir contra a natureza humana a tal ponto de fazer com que “certas ações naturalmente sujas e odiosas” sejam “repetidamente vistas com aplausos e honra”, caso esta seja encoberta como “um serviço considerável à sua comunidade” (2000, p. 179, tradução nossa). Coisa que, para o conde inglês, poderia levar, em última instância, o homem a espalhar o terror em função da falsa honra que sua nação lhe fornece. Não à toa, como comentado anteriormente, o assassinato é capaz, para este filósofo, de adoecer um cavalheiro.

A relação entre honra e coragem não está mais na virilidade altanada, mas nos laços sociais especialmente virtuosos, honestos e gentis. Se, por um lado, “A coragem e a resolução costumam salvar”, por outro, “a covardia tira os meios de segurança” (Shaftesbury, 2000, p. 217-8, tradução nossa), e isso se deve ao fato de que a valentia se opõe diretamente às afecções do interesse privado que devem, em última instância, servir à vida social e ao sistema público. Mesmo a emulação ou amor de louvor e honra (Shaftesbury, 2000), se moderados, contribuirão para a sociedade humana como uma espécie de exemplo capaz de inspirar não pelos méritos armados (Shaftesbury, 2018), mas por incentivar o desenvolvimento do cavalheiro no espaço público da sociedade, no qual um cavalheiro polido compartilha seu aperfeiçoamento e aprende com outros (Nascimento, 2012).

Assim, não é de se espantar que os títulos de honra estejam, para Shaftesbury, mais associados à pretensão e à falta de moderação das afecções privadas⁶ do que à verdadeira honra; e para Addison, não passem de “uma imitação de algum mérito particular que deveria recomendar os homens às altas posições que possuem” (2004, nº 219, tradução nossa).

No entanto, ainda que Wieckzorek (2016), Packham (2013) e Stuart-Buttle (2019) destaquem a influência ciceroniana para a construção do caráter moderno, e para as concepções de Addison e Shaftesbury, e o primeiro intérprete atente, em especial, para a extensão que a noção de honra de Cícero recebeu ao longo da história, deve-se observar que Addison e Shaftesbury não atribuem ao antigo filósofo romano a paternidade desse Proteu de honra. Na

⁶ Para lembrar o autor, “Agora, se considerarmos uma vez a facilidade, a felicidade e a segurança que acompanham uma disposição modesta e uma mente tranquila, tal como é de fácil autocontrole, adaptada a todas as posições na sociedade e capaz de se adequar a quaisquer circunstâncias razoáveis, ela irá, à primeira vista, apresentar-nos o caráter mais agradável e vencedor. Nem será necessário, depois disso, chamar a atenção para a excelência e o bem da moderação, ou para o mal e a autolesão dos desejos imoderados e da imaginação vaidosa de vantagem pessoal em coisas como títulos, honras, precedências, fama, glória ou espanto vulgar, admiração e aplauso” (Shaftesbury, 2000, p. 223, tradução nossa), ou, ainda, “A pretensão aos méritos parece diminuir a graça e o obséquio puros da benfeitora, que se torna, então, mais sóbrio em poder, e mais suscetível a ser obedecida sem reservas, quando puder exercer a sua benevolência onde haja menos título ou pretensão” (Shaftesbury, 2018, p. 112, tradução nossa).

verdade, os autores atribuem uma maternidade para essas noções que consideram corrompidas e se preocupam em reformular.

Segundo autor das *Characteristicks*, pensar, como Hobbes, que a coragem é uma raiva constante⁷, e honrá-la por isso, é compreendê-la mal. A verdadeira coragem para Shaftesbury está localizada na calma e na moderação, pois os “mais corajosos têm o mínimo de uma insolência brutal e intimidadora e, nos momentos de perigo, são considerados os mais serenos, agradáveis e livres” (2000, p. 55, tradução nossa), o que esclarece a razão pela qual os laços do companheirismo, para o autor, são estreitados durante a guerra: não por levar a cabo uma luta, mas por agir em função do cuidado do outro. Se a coragem e a raiva andassem juntas, “as mulheres poderiam reivindicar ser o sexo mais forte, pois o seu ódio e a sua raiva sempre foram os mais fortes e duradouros” (Shaftesbury, 2000, p. 55-6, tradução nossa). Além disso, nota o filósofo, foram elas que, na época da cavalaria, colocaram-se como espectadoras “de verdadeiros duelos e de sangrentas fachadas armadas”, servindo como juízas “das lutas valentes” (Shaftesbury, 2000, p. 122-3, tradução nossa).

O relato de Shaftesbury de fato remonta às disputas cortesias e cavaleirescas nas quais os homens poderiam lutar para demonstrar sua estima e seus méritos como uma espécie de cortejo às damas (Trigg, 2012; Peltonen, 2003). No entanto, ainda que esta preocupação fizesse parte das práticas sociais que marcaram a herança histórica que Shaftesbury recebeu, não se pode ignorar que a prática de duelar e subjugar o outro através da coragem (designada pela força e valentia) estava antes associada à própria decisão e capacidade viril masculina. Cícero certamente marcou essa concepção (Wieczorek, 2016), mas não se deve perder de vista que Castiglione considerava não apenas que a fuga da batalha mancharia para sempre a honra do homem com a covardia e com a infâmia, mas que um cortesão deveria compreender e agir adequada e rapidamente diante de disputas, “mostrando sempre coragem e prudência em todas as coisas [...] tanto nas preliminares do duelo como no próprio duelo, e mostrar sempre prontidão e ousadia” (2022, p. 21, tradução nossa). A paternidade da relação entre valentia, coragem e honra certamente remonta a esses dois autores, e é improvável que os filósofos modernos fossem ignorantes quanto a isso (Wieczorek, 2016; Peltonen, 2003), mas, se Shaftesbury pretendia atribuir a maternidade dessa relação, em muito, ao papel social das mulheres, isso talvez se deva ao fato de que as novas relações sociais não se construíam mais através da valentia corajosa, mas pelo autocontrole e pela moderação.

⁷ Conforme vemos no *Leviatã*, “A coragem súbita chama-se cólera” (Hobbes, 1999, p. 60).

Dessa forma se legitima o autocontrole “como superior, como capaz de se posicionar de modo condizente com as situações de demandas imprevisíveis, conflituosas, advindas de todos os lados” (Oliveira, 2004, p. 204), e o descontrole passa a ser cada vez mais inadequado nas condutas sociais, sendo substituído pelo abrandamento das afecções. Visto que se deveria evitar, acima de tudo “ser efeminados ou languidos e rudes ou grosseiros” (Cícero, 1999, p. 62) no comportamento ou nas ações; e que no XVIII o autocontrole e a moderação marcam profundamente a nova identidade cavalheiresca (Elias, 1993; Clery, 2004; Cohen, 2005, Peltonen, 2003; Schmitter, 2013; Pollock, 2007), não é de se espantar que o nó entre efeminação e raiva fosse atado por Shaftesbury.

Estando a raiva e a valentia associadas ao descontrole, este descontrole não poderia residir no caráter da masculinidade moderna, sendo transferido para a “natureza” feminina, o que, em muito, justificava a defesa cavalheiresca da suposta superioridade do homem sobre a mulher (Santos, 2023a).

Addison, assim como Shaftesbury, ajuda a atar o nó entre a coragem valente e a feminilidade. Como comentado anteriormente, se os homens pudessem escolher por si mesmos seu ponto de honra, ele não residia na coragem, mas sim na virtude. O destaque da coragem se dá, para o filósofo, pelo fato de ser aquilo que as mulheres consideram mais amável em um cavaleiro, a ponto de considerá-lo em mais alto grau

seja porque elas ficam satisfeitas em ver alguém que é um terror para os outros cair como um escravo a seus pés, ou que esta qualidade supre seu próprio defeito principal, em protegê-las de insultos e vingar suas brigas, ou que a coragem é uma característica natural que indica uma constituição forte e vigorosa (Addison, 2004, nº 99, tradução nossa).

No entanto, é ao colocar o ponto de honra neste falso tipo de coragem que, para o ensaísta, a masculinidade é levada a rejeitar a virtude e o bom senso, o que conduz os cavaleiros à morte por uma falsa glória e por uma honra associada a práticas absurdas, “dando ambições erradas e falsas ideias do que é bom e louvável” (Addison, 2004, nº 99, tradução nossa). No ensaio 128 do *Spectator*, Addison tenta ilustrar como essa consideração das mulheres pode afetar diretamente as relações polidas. Partindo de uma anedota a respeito da esposa de Marco Aurélio, Faustina, o ensaísta observa que a dama considerava “um gladiador comum o cavaleiro mais bonito” (Addison, 2004, nº 128, tradução nossa), atrelando à capacidade bélica as noções de bom homem. O que levaria a admiração de Faustina para o gladiador, e não para Marco Aurélio, não seria outra coisa que não a ideia de que este último

não tinha gosto pela (falsa) verdadeira glória. Ao escolher estimar as qualidades da valentia e da bravura, a mulher, em última instância, deixa de aproveitar aquilo que o marido teria a oferecer através de seu verdadeiro ponto de honra: a sabedoria, através da qual ela poderia ser mais “sábia com os discursos do marido” (Addison, 2004, nº 128, tradução nossa), e o que ajudaria a garantir que elas não fossem afetadas “por uma bravura impensada” (Addison, 2004, nº 128, tradução nossa).

Em suma, a coragem valente ou raivosa estaria atrelada, em última instância, ao descontrole e à falta de moderação que seria supostamente incentivado, pelas mulheres, ao caráter masculino. Ainda que filósofas da época como Mary Astell e Sarah Chapone observem que esta atribuição de descontrole e corrupção que as mulheres poderiam produzir nos homens nada mais seria do que um meio pelo qual eles justificaram a subjugação feminina, e a suposta inferioridade racional delas (conf. Santos 2023a), era através deste meio os cavalheiros poderiam tomar para si o autocontrole como distintivo da masculinidade polida.

O VERDADEIRO PONTO DE HONRA DOS HOMENS É O AUTOCONTROLE

A “modéstia”, informa Addison, “é o nosso caráter distintivo” (Addison, 2004, nº 435, tradução nossa). É ela que, quando justa e razoável, desencadeia “todos os grandes talentos que um homem pode possuir” (Addison, 2004, nº 231, tradução nossa), engrandecendo todas as virtudes que acompanha, ao mesmo tempo em que é o maior freio ao vício.

Essa modéstia, própria da masculinidade que Addison pretende formar, se afasta daquela que, tradicionalmente, estaria estritamente associada ao sexo feminino e à castidade (conf. Santos, 2023a), e parece ocupar o lugar de moderadora das ações e do comportamento virtuoso. Descrita como um sentimento “vivaz e delicado na alma, que a faz encolher e se afastar de tudo que contém perigo”, é ela que, como uma sensibilidade extremamente refinada, “adverte [a alma] para evitar” (Addison, 2004, nº 231, tradução nossa) aquilo que é prejudicial. E, ainda que descrita como um sentimento, é a modéstia que, conforme descobrimos no ensaio nº 458, impede que qualquer ação repugnante às regras da correta razão seja posta em prática.

Mesmo que a centralidade da modéstia para a construção da virtude addisoniana possa estar associada ao processo dezoitista que Clery (2004) identifica como feminização dos costumes — na medida em que um dos pilares do caráter feminino é trazido para o seio da identidade cavalheiresca (Santos, 2023a)—, o que se deseja destacar aqui é o fato de que esse sentimento parece ocupar, para Addison, o lugar de uma espécie de instinto que inclina os

indivíduos a o que é virtuoso e repele o que é vicioso. Se uma de suas maiores preocupações era a de polir os homens a partir do que seria mais natural em suas maneiras (Cohen, 2005), essa instrução parece provir justamente do sentimento de modéstia, que seria natural a todos os cavalheiros especialmente britânicos.

Nos casos em que, por exemplo, um cavalheiro precisa falar em grande público, é ela que recomenda a deferência, raramente deixando de “suscitar uma benevolência na audiência para com a pessoa que fala”, de modo que, se um homem de coragem se demonstra tímido nestas ocasiões, este é certamente um testemunho de sua virtude; isso porque, “geralmente não há criatura mais atrevida do que um covarde” (Addison, 2004, nº 231, tradução nossa). O atrevimento, decerto, está associado à valentia⁸ que estimula os duelos comentados por Addison em seu número 99, e, aqui, vemos uma dissociação profunda da relação entre coragem e bravura para a direção de um dispositivo de autocontrole que o ensaísta designa como modéstia. Esta, afirma o filósofo em alusão a Catão, se banida do mundo “leva consigo metade da virtude que há nele” (Addison, 2004, nº 231, tradução nossa), e a razão disto parece ser clara: a falta desse sentimento implica não apenas uma má aceitação da razão, mas, também, o mau trato com os outros e uma corrupção dos vínculos sociais. A falta de modéstia implica, necessariamente, o comportamento imoderado e a repressão de todos os talentos que um cavalheiro venha a possuir.

Em sua versão falsa, conforme é visto no ensaio nº 458 do *Spectator*, leva o cavalheiro a se atrelar não à virtude, mas à moda, tornando-o incapaz de reter qualquer confiança para se opor às suas companhias, o que, alternativamente, torna o cavalheiro uma péssima companhia para a sociabilidade própria da fraternidade cavalheiresca. Afinal, é justamente o embate gentil e modesto de ideias que permite que os homens se combinem “para seu próprio aperfeiçoamento” (Addison, 2004, nº 9, tradução nossa). É nessas relações que, para o autor do *Spectator*, o cavalheiro será temperado com virtude e humanidade, desde que retenha em si o autocontrole fornecido pela modéstia.

Ainda que Addison se afastasse, assim como Shaftesbury, da relação entre coragem e valentia aparentemente legada por Cícero, e tentasse associar o autocontrole à honra, não se

⁸ Valentia e atrevimentos estes que, para seguir o que foi apresentado ao fim da seção anterior, também parece acompanhar (supostos) atributos da “natureza” feminina. Coisa que suscita mais um encontro entre Addison e Shaftesbury na medida em que pode ser sugerido, a partir do que é apresentado pelo ensaísta, que esse sentimento valente se aproxima da afecção de raiva apresentada pelo conde e supostamente seria própria à natureza “descontrolada” e “raivosa” das mulheres. Sentimentos estes que, em suma, são prova da falta do autocontrole reivindicado como um dos pontos distintivos da virilidade dezoitista.

pode ignorar que o antigo romano fez uma ampla defesa da moderação, isto é, da “capacidade de colocar em seus devidos lugares as coisas que dizemos e fazemos” (1999, p. 69). Capacidade esta que, no caso do ensaísta, parece ser revestida com o nome de “modéstia”, na medida em que também seria capaz de apelar positivamente para algo de difícil avaliação para o antigo: o “quanto a cortesia e a afabilidade da conversação” seriam capazes de conciliar “os ânimos” (Cícero, 1999, p. 101).

Além disso, a conciliação entre moderação, conversação e afabilidade certamente marcou os escritos de Shaftesbury. Não é novidade, conforme vemos em sua *Inquiry*, que o homem é um sistema privado que participa de um sistema maior (a comunidade) no qual — a partir de suas afecções naturais e autoafecções — sempre agirá pelo bem do sistema público, pois isso necessariamente satisfaz seu sistema privado. Não à toa, para o filósofo, “Amar e ser gentil, ter afecção social ou natural, complacência e boa vontade”, produz o sentimento de “satisfação imediata e contentamento genuíno” (Shaftesbury, 2000, p. 228, tradução nossa). Desse modo, se havia dúvidas, para o autor de *Dos Deveres*, sobre a capacidade de a afabilidade e a conversação agirem sobre os ânimos dos homens, Shaftesbury, de forma mais radical do que Addison, considera que esses elementos não são apenas constitutivos para o benefício da sociedade e do cavalheiro, mas que eram naturais para sua felicidade. Compartilhar os contentamentos mentais, e priorizar a colisão amigável, que é “um tipo de contato que promove a polidez e a sociabilidade” (Nascimento, 2012, p. 207), eram considerações essenciais para Shaftesbury,

Em resumo, o modelo de natureza humana pensado pelo autor das *Characteristicks* idealizou o funcionamento das afecções a partir de uma harmonia, na qual cada uma delas deveria estar equilibrada com todas as outras, o que implicaria, necessariamente, uma harmonia social.

Sendo assim, as afecções naturais — caracterizadas por Grean (1964) como, em última instância, impulsos sociais ou para a sociabilidade — são altamente recomendáveis por Shaftesbury na medida em que conduzem o humano para o “prazer de participação e comunidade que é tão essencial para a [...] felicidade” (Shaftesbury, 2000, p. 205, tradução nossa), ao mesmo tempo em que eleva as virtudes humanas, a sociabilidade e a honestidade. São essas afecções que direcionam o cavalheiro ao bem da comunidade, à felicidade e, além disso, garantem um caráter viril que, novamente, em nada se associa com a valentia. Conforme o autor,

uma vida sem afecção natural, amizade ou sociabilidade seria considerada miserável, se fosse tentada. É por estes sentimentos e afecções serem intrinsecamente valiosos e dignos que o interesse próprio deve ser avaliado e estimado. [...] Se ele [o homem] perder o que há de viril e digno nisso, estará tão perdido de si mesmo quanto quando perde a memória e a compreensão. (Shaftesbury, 2000, p. 56)

Por aqui vemos que a sociabilidade e a amizade, impulsionadas pelas afecções naturais, parecem substituir um falso ideal de mérito associado à valentia (como observado na seção anterior). As verdadeiras virilidade e coragem são notadas na sociabilidade e na ajuda mútua, como no caso da guerra, na medida em que elevam um sentimento social e de parceria com o restante da humanidade. As visões de amor, gentileza, gratidão, humildade, piedade ou qualquer outra afecção natural são por si mesmas inspiradoras porque a mente é imediatamente tocada de maneira generosa. A própria ideia de afecção revela isso por si mesma, afinal, como lembra Nascimento (2016), ter afecções é ter em si a capacidade de ser afetado. Por isso os prazeres sociais sempre são acompanhados de alegria e são capazes de combater medos, horrores, tristezas, mágoas através da própria agradabilidade e bondade de tais afecções que são engrandecidas através do convívio.

Ainda que tais afecções sejam, para Shaftesbury, também a fonte da verdadeira estima e virtude, não se pode ignorar que o filósofo atentava para a importância do equilíbrio das afecções, de modo a se preocupar com a harmonia delas. Assim como Addison, o autor das *Characteristicks* apela para a importância de um dispositivo que possibilite autocontrole. Porém, se o primeiro atentou para a modéstia como um sentimento capaz de exercer esse papel, o segundo destaca a moderação como a mãe desse autocontrole capaz de regular e inspirar a virtude.

Para Shaftesbury, mesmo as afecções naturais, se imoderadas, seriam viciosas. Por exemplo, “a piedade excessiva nos torna incapazes de socorrer” (Shaftesbury, 2000, p. 172, tradução nossa), o que faria com que um homem, necessariamente, faltasse com a noção de coragem proposta pelo filósofo. O excesso das afecções, além disso, poderia conduzir um homem para efeminação, covardia, mesquinhez, precipitação e, em última instância, sua própria autodestruição. Daí que, para o filósofo, não apenas a moderação deve existir em todos os apetites, conforme é discutido na *Inquiry*, mas a própria virtude se torna maior sempre que um comportamento imoderado é vencido. A felicidade sempre é acompanhada, para o filósofo, pela disposição modesta e pela mente tranquila, pois, “como é de fácil autocontrole, adaptada a todas as posições na sociedade e capaz de se adequar a quaisquer circunstâncias razoáveis, ela irá, à primeira vista, apresentar-nos o caráter mais agradável e vencedor”, que decorre da “excelência

e [d]o bem da moderação” (Shaftesbury, 2000, p. 223, tradução nossa). É, em suma, através da moderação que a vantagem pessoal jamais será anteposta à sociabilidade, e que as afecções naturais e as autoafecções poderão ser harmonizadas.

Este dispositivo de autocontrole — ainda que não opere como um sentimento vivaz que aviva a sociabilidade dos homens, como no caso de Addison —, pode ser executado de duas maneiras. Por um lado, através da prática do solilóquio, no qual se deve “encontrar reparos e aprimoramentos, ao refletir corretamente sobre o modo como o meu próprio movimento é guiado pelas afeições⁹” (Shaftesbury, 2018, p. 89). Por outro lado, ainda que esta reflexão possa elevar a compreensão de si e dos outros humanos, de modo a colaborar na condução da vida, ela não é suficiente. A assistência do exemplo e da boa companhia deve acompanhar esta prática, visto que, quanto ao gênero de solilóquio, mesmo que

nos tornaremos também menos vaidosos, introduzindo em nosso caráter a modéstia, a condescendência e a **justa humanidade essencial ao sucesso de qualquer conselho ou admissão amigável**. Uma honesta filosofia caseira poderá nos ensinar essa prática saudável interior. Leitura polida e **conversação com a humanidade da melhor espécie nos qualificarão para o que falta** (Shaftesbury, 2018, p. 127, grifos nossos).

Em última instância, ainda que a autorreflexão proveniente do solilóquio seja importante para que um cavalheiro possa vencer a vaidade (bem como para aflorar em si a modéstia, a condescendência e a justiça que são necessárias para a amizade), o indivíduo, assim como para Addison, também necessita da conversação e do convívio com a humanidade para ter suas qualidades ainda mais elevadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro amigável dos homens, seja para Addison ou para Shaftesbury, certamente provava para os autores que este é “um animal sociável” (Addison, 2004, nº 9, tradução nossa), e essa união era considerada como capaz de estabelecer uma fraternidade mútua que não poderia se justificar por outra coisa que não pelo amor pela sociedade. É nesses encontros, nos quais uma conversa inocente e alegre ocorre, em que se pretende desfrutar das companhias que se combinam, ou colidem, que o cavalheiro poderá encontrar seu próprio aperfeiçoamento.

⁹ Lygia Caselato opta por traduzir “affection” por “afeição”. No entanto, ao longo desta pesquisa optei por “afecção” para acompanhar a escolha feita por Nascimento (2016), que se destaca pelo fato de que, para o intérprete, essa escolha ressaltar que ter “affections” é ser afetado, como comentado anteriormente.

Somente a partir e através das disposições e da natureza social que um homem não apenas será admitido, para Addison e Shaftesbury, com benevolência nos mais distintos graus da sociedade, mas que, sobretudo, encontrará sua felicidade ao aflorar tais disposições e natureza.

É muito melhor, explica o ensaísta do *Spectator*, divertir-nos com escritos e relações como estas, “que tendem a desgastar a ignorância, a paixão e o preconceito, do que aqueles que naturalmente conduzem a inflamar o ódio e a tornar as inimizades irreconciliáveis” (Addison, 2004, nº 10). No número 34 desse mesmo periódico, o filósofo deixa claro que é através da combinação com seus colegas de clube que ele é capaz de se equipar com a maior variedade de conhecimentos. A perda dessa sociabilidade natural é, concorda Shaftesbury, a perda da felicidade e o encontro com a maior miséria possível. Mesmo que o conde e o ensaísta possam discordar acerca da maneira pela qual o interesse comum é preservado e funciona nos humanos (Axelsson, 2019), ambos não deixam de concordar que a sociabilidade é natural aos homens e é a condição de possibilidade de seu bem-estar, coragem, autocontrole e honra.

Essa concordância passava, em partes, por uma reconstrução do ponto de honra que deveria compor o caráter moderno. A coragem é repensada, pelos autores, para refletir não a valentia, mas a virtude social e o autocontrole — seja ele como um sentimento imediato, ou como o produto de uma moderação refletida. Ainda que se afastassem da relação com a coragem e com a honra proposta por Cícero, ambos certamente não deixaram de considerar que “é próprio da virtude conciliar os ânimos e uni-los no interesse coletivo” (1999. p. 86), e destacaram essa conciliação na sociabilidade e na conversação que tiveram sua efetividade posta em dúvida pelo antigo romano.

Em última instância, como bem nota Shaftesbury, mesmo ladrões e criminosos que se opõem às leis civis são incapazes de viver sem o companheirismo de seu grupo, sua família ou seus amigos, afinal “É a esta reconfortante esperança e expectativa de amizade que quase todas as nossas ações têm alguma referência” (2000, p. 204, tradução nossa), máxima com a qual Addison certamente não deixava de concordar.

REFERÊNCIAS

ADDISON, Joseph. **Spectator, Volumes 1, 2 and 3**. USA: Gutenberg, 2004.

ASTELL, Mary. **Some Reflections Upon Marriage**. USA: Gutenberg, 2020.

AXELSSON, Karl. **Political Aesthetics: Addison and Shaftesbury on Taste, Morals and Society**. Grã-Bretanha: Bloomsbury Publishing, 2019.

- CASTIGLIONE, Baldassare. **The Book of the Courtier**. Reino Unido: Gutenberg, 2022.
- CHAPONE, Sarah. **The hardships of the English laws in relation to wives with an explanation of the original curse of subjection passed upon the Woman**. Independently published, Amazon Kindle: 2020.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Dos deveres**. Tradução de Angélica Chiapetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CLERY, E. J. **The Feminization Debate in Eighteenth-Century England Literature, Commerce and Luxury**. Grã-Bretanha: Palgrave Macmillan, 2004.
- COHEN, Michèle. “Manners” Make the Man: Politeness, Chivalry, and the Construction of Masculinity, 1750–1830. **Journal of British Studies**, v. 44, n. 2, p. 312-329, 2005.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador volume 2**. Tradução de Ruy Jungmann e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- GREAN, Stanley. Self-Interest and Public Interest in Shaftesbury's Philosophy. **Journal of the History of Philosophy**, v. 2, n. 1, p. 37-45, 1964.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: editora Nova Cultural, 1997.
- NASCIMENTO, Luís Fernandes dos Santos. **Shaftesbury e a ideia de formação de um caráter moderno**. São Paulo: Alameda, 2012.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- PACKHAM, Catherine. Cicero's Ears, or Eloquence in the Age of Politeness: Oratory, Moderation, and the Sublime in Enlightenment Scotland. **Eighteenth-Century Studies**, V. 46, n. 4, p. 499-512, 2013.
- PELTONEN, Markku. **The Duel in Early Modern England: Civility, politeness and honour**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.
- POLLOCK, Linda A. Honor, Gender, and Reconciliation in Elite Culture, 1570–1700. **Journal of British Studies**, n 46, pp. 2-29, 2007.
- SANTOS, Mariana Dias Pinheiro. As ideias iluminadas e polidas sobre as mulheres nas filosofias britânicas. **Sapere Aude**, Belo Horizonte: v. 1, n. 1, p. 385-407, 25 nov. 2023a.
- SANTOS, Mariana Dias Pinheiro, honra, cavalaria e moralidade: um estudo sobre a polidez britânica à luz de Sir. Falstaff. In: RIBEIRO, Renata Dias (et al). **Ebook III Filosofia, Vida e Morte**, 2023b.
- SCHMITTER, Amy. Passions, affections and sentiments. In: HARRIS, James A. (ed.). **The Oxford Handbook of British Philosophy in the Eighteenth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- SHAFTESBURY, Anthony Ashley Cooper, Third Earl of. **Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SHAFTESBURY, Anthony Ashley Cooper, Third Earl of. **Solilóquio ou conselho a um autor**. Tradução de Lygia Caselato. São Paulo: Editora Cajuína, 2018.

STUART-BUTTLE, Tim. **From moral theology to moral philosophy**: Cicero and visions of humanity from Locke to Hume. Reino Unido: Oxford University Press, 2019.

TRIGG, Stephanie. **Shame and Honor**: A Vulgar History of the Order of the Garter. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2012.

WIECZOREK, Dawid Kamil. Defining honor: a look at modern lexicographical works. **Orbis Idearum**, V. 4, n. 1, 2016.